

A CONTRIBUIÇÃO DE UM WIKI

LUSO-ANGOLANO PARA O DESENVOLVIMENTO

MIGUEL DE CASTRO NETO¹
ANTÓNIO CIPRIANO PINHEIRO²

Resumo

No contexto económico actual não basta saber produzir um determinado bem ou serviço, é preciso ter informação sobre a tecnologia mais eficiente, sobre os mercados onde se podem comprar factores e vender o produto e sobre os seus preços prováveis. Efectivamente, quer a tecnologia, quer as decisões empresariais são condicionadas pela quantidade e qualidade da informação disponível, sendo necessário considerar a informação e as tecnologias de informação e comunicação que suportam o seu uso na actualidade, como factores de produção ou factores que afectam a produtividade dos outros factores (terra, trabalho e capital).

A maior ou menor dificuldade de acesso à informação determina o seu custo e este determina o seu uso em maior ou menor quantidade, tal como acontece com os outros factores de produção (adubo, água, sementes ou tractores). Quando falamos em produção não estamos apenas a referir-nos a bens materiais (pão ou leite), estamos, também, a falar de serviços de saúde, educação, segurança, assistência e outros.

Se há características gerais comuns aos povos em vias de desenvolvimento, a abundância do factor trabalho e a escassez de quase todos os outros e/ou a assimetria na sua distribuídos, são das mais relevantes. Há inúmeros exemplos de países onde o acesso à terra, ao crédito (capital), à instrução, à tecnologia e à informação é privilégio de uma pequena percentagem da população.

Angola, sendo um país muito grande, com muitos e bons recursos naturais, encontra-se numa fase do processo de desenvolvimento em que o valor da produtividade marginal da informação, em quase todos os sectores de actividade, é muito alto. Efectivamente, para quase todas as actividades, a informação, muitas vezes básica, é crucial para promover o desenvolvimento. Sem querermos entrar em detalhe nesta matéria, diremos que são inúmeras as referências feitas à falta de informação em áreas como a saúde, a alimentação e a produção nos mais diversos sectores de actividade. Referindo-nos apenas ao sector da agricultura, é vasta a literatura onde a falta de informação é referida como um entrave para levar a bom termos as políticas desenhadas. Por exemplo, a falta de informação é apontada, a par dos direitos de propriedade, como barreira às mudanças de sistemas culturais. A falta de informação sobre técnicas de produção impedem os agricultores de melhorar o seu nível de vida e contribuir para melhorar o ambiente. Também a falta de informação é apontada como a causa da má utilização dos recursos naturais.

Em relação a Angola, para além da informação geral, comum a muitas actividades, independentemente da sua localização, há muita informação específica. Alguma desta informação está escrita ou gravada, mas muita outra está na cabeça de muitos dos que lá vivemos, ensinámos, investigámos ou desenvolvemos outras actividades. Infelizmente, Portugal, apesar de ter criado muitas universidades e politécnicos, não teve a capacidade de criar uma instituição vocacionada para continuar a estudar os temas que interessavam

¹ Professor do Instituto Superior de Estatística e Gestão da Informação da Universidade Nova de Lisboa, mneto@isegi.unl.pt

² Professor do Departamento de Economia da Universidade de Évora, acap@uevora.pt

às então denominadas províncias ultramarinas africanas, nem coligir de forma sistemática o conhecimento trazido.

Neste contexto tem hoje uma particular relevância a denominada Web 2.0 ou a Web Social na medida em que poderá constituir-se como uma alavanca para ultrapassar os constrangimentos referidos acima.

O conceito da Web 2.0 está intimamente relacionado com a disponibilização online de um conjunto bastante diversificado de soluções tecnológicas cuja criação de valor assenta no ambiente colaborativo em que são construídos. Estamos a referir-nos aos blogues, wikis, redes sociais, etc.

No caso concreto da gestão do conhecimento, enquanto processo de recolha, armazenamento, criação e partilha, os wikis têm vindo a receber uma atenção acrescida. Presentemente, são apontados como estratégia bastante válida para suportarem a gestão do conhecimento, como hoje constatamos pelo sucesso da Wikipédia que desafiou o modelo de negócio tradicional das enciclopédias e a forma como o conhecimento era construído até então.

Efectivamente os wikis, ao suportarem um modelo de gestão de informação colaborativo e orgânico - em que são os próprios utilizadores que são responsáveis pela criação e gestão dos conteúdos disponibilizados on-line, bem como pela sua estruturação e revisão/crítica de forma contínua e aberta - têm vindo em crescendo a ser utilizados para construir os mais diversos espaços informacionais reunindo interessados numa determinada área temática constituindo-se como verdadeiras comunidades de prática.

Neste sentido, a possibilidade de se constituir uma “network”, neste caso um wiki Luso-Angolano para o desenvolvimento, onde fosse colocada e disponibilizada a informação que seja possível recolher mediante o contributo voluntário da comunidade que se consiga dinamizar em torno deste problema, poderá ter um impacto muito grande no desenvolvimento de Angola.

Os objectivos deste trabalho são: (1) realçar o valor económico da informação; e (2) mostrar que é possível a criação de uma PLATAFORMA de INFORMAÇÃO - Wiki, sobre a Internet, e evidenciar o potencial da mesma no processo de desenvolvimento de Angola.

Palavras-Chave

Desenvolvimento de Angola, Rede de prática, Repositório de Informação e Conhecimento, Wiki

Introdução

Até meados do século passado, a capacidade de produção das nações era estimada em função do stock de factores de produção primários – o trabalho e a terra -, e do factor de produção produzido - o capital. São inúmeros os trabalhos em que se estima a produção dos países, regiões ou sectores de actividade, tomando aqueles factores como variáveis explicativas ou exógenas, usando funções do tipo Cobb-Douglas ou outras. Estimaram-se, e ainda hoje se estimam, as elasticidades da produção e substituição destes factores e as combinações óptimas de trabalho e capital (trabalhadores por máquina) para que a

economia siga a “golden rule”, isto é, o caminho de crescimento desejado pelos decisores de política económica.

Mais tarde, foram incorporados indicadores ou variáveis “proxy” para captar o efeito da tecnologia e da capacidade empresarial na produção. Percebeu-se que “stocks” de capital e trabalho iguais nem sempre davam origem a volumes de produção iguais. O volume de produção dependia, também, das tecnologias usadas e da capacidade dos empresários para combinarem os outros factores de produção - do modo como os combinavam e da quantidade em que os combinavam.

Mais recentemente, percebeu-se que quer a tecnologia, quer as decisões empresariais são condicionadas pela quantidade e qualidade da informação disponível. Não basta saber produzir um determinado bem ou serviço, é preciso ter informação sobre a tecnologia mais eficiente, sobre os mercados onde se podem comprar factores e vender o produto e sobre os seus preços prováveis. Estas evidências levaram a considerar a **informação** (ou mais genericamente as tecnologias da informação, TI) como factores de produção, em si mesmos, ou factores que afectam a produtividade dos outros factores atrás referidos.

A maior ou menor dificuldade de acesso à informação determina o seu custo e este determina o seu uso em maior ou menor quantidade, tal como acontece com os outros factores de produção (adubo, água, sementes ou tractores).

Como atrás se disse, quando falamos em produção não estamos apenas a referir-nos a bens materiais (pão ou leite), estamos, também, a falar de serviços de saúde, educação, segurança, assistência e outros.

Se há características gerais comuns aos povos em vias de desenvolvimento, a abundância do factor trabalho e a escassez de quase todos os outros e/ou a assimetria na sua distribuídos, são das mais relevantes. Há inúmeros exemplos de países onde o acesso à terra, ao crédito (capital), à instrução, à tecnologia e à informação é privilégio de uma pequena percentagem da população.

Os objectivos deste trabalho são: (1) realçar o valor económico da informação; e (2) tentar provar como a criação de uma PLATAFORMA de INFORMAÇÃO, via Internet pode ajudar a desenvolver Angola.

A criação de valor pela Internet

Dado o massivo investimento em computadores e na adopção de tecnologias de Informação (TI), vários autores têm tentado obter resposta para perguntas como estas:

têm estas tecnologias sido fontes de ganhos em produtividade? Será que o efeito das tecnologias depende do tipo de organização da empresa? Será que estas tecnologias afectam do mesmo modo a produtividade de cada factor de produção? Em particular, será que o efeito sobre a força de trabalho é diferente conforme a idade, o sexo, ou as aptidões de cada um? Crépon *et al.*, num estudo empírico na França, chegaram às seguintes conclusões:

- Entre os vários usos das TI considerados (Internet, E.D.I., Network) só a Internet se mostrou significativamente correlacionada com os ganhos em produtividade;
- Nenhum dos tipos de organização aumentou os efeitos da TI;
- A adopção da Internet faz aumentar a força de trabalho: porque aumenta a sua eficiência.
- A Internet tem um forte efeito de redistribuição da eficiência dentro da força de trabalho: a Internet aumenta a eficiência dos jovens, mulheres e dos que possuem especialização.

De acordo com Retzer (2005), as pessoas criam valor trabalhando e cuidando umas das outras. Os meios usados são chamados de “networks”, utilizados para colaborar e aceder à informação. As “networks” tomam formas muito diversas: sociais, de transporte, fornecimento de utilidades (água, electricidade, saneamento), económicas (financeiras, distribuição e oferta de bens e serviços) e informação (telefone, radiodifusão, Internet). As “Networks” multiplicam o valor do esforço humano permitindo o acesso e a colaboração. A informação multiplica as capacidades permitindo que as pessoas façam mais e aprendam com os outros.

Antes de usarem uma “network” os potenciais utilizadores, fazem três perguntas básicas”: como posso ter acesso; o que posso fazer com ele; custa mais ou menos do que as alternativas? Visto desta perspectiva, a Internet não é diferente de outra “network” de informação. A utilidade, a acessibilidade e a aptidão (capacidade) são fundamentais para toda a tomada de decisão económica

Robert Metcalfe, o inventor da Ethernet, implicitamente colocou estas perguntas quando escreveu a afirmação que ficou conhecida como a “Lei dos Efeitos da Network” ou “Lei de Metcalfe” que diz “ que o valor da “network” cresce como o quadrado do número dos seus utilizadores” (Metcalfe, 1996). A base lógica para a lei de Metcalfe é o número de potenciais conversações singulares (únicas) que podem ocorrer na “network”. Consideremos, por exemplo, o valor de um sistema de telefone. Um sistema de telefone

que nos liga ao emprego, por exemplo, é útil, mas um que nos liga a qualquer pessoa da cidade é muito mais útil, e se nos ligar ao mundo inteiro será ainda mais útil. Matematicamente, o número de conversações singulares (únicas) possíveis - se a chamada de A para B for considerada diferente da ligação de B para A -, é o número de utilizadores (ou linhas de telefone) ao quadrado.

Valor económico da informação

É fácil de compreender que as “networks” de informação criam valor económico por permitirem o acesso a conhecimento e a serviços, bem como por permitirem que as pessoas colaborem mais efectiva e eficientemente. Não é, contudo, tão fácil medir os benefícios das “networks” de informação porque estas “networks” tal como a maior parte das infraestruturas, permitem ou facilitam a criação de bens e serviços, mais do que criam directamente, valor económico. As cidades servidas por grandes portos marítimos, por exemplo, beneficiam por serem centros de navegação, mas a maior parte dos benefícios são indirectos por esta situação atrair mais empresas – é mais barato operar alguns tipos de actividades perto de portos por tornar os custos de transporte muito mais baratos. O mesmo é verdade para cidades com acesso a “networks” de informação de muito elevada qualidade, porque se torna mais barato utilizar as facilidades oferecidas por essas “networks” e porque algumas aplicações, mais avançadas, funcionam melhor.

Hoje não restam dúvidas de que as “networks” de informação se tornaram infraestruturas cruciais para as economias actuais e futuras, tal como as estradas e a electricidade o foram no passado.

Web 2.0

O termo Web 2.0 pretende descrever a tendência que se constata na utilização das tecnologias da World Wide Web, a “network” mais utilizada hoje a nível global, e do Web Design para reforçar a criatividade, a partilha de informação e a colaboração entre utilizadores (Wikipedia, 2008). Estes conceitos levaram ao desenvolvimento e evolução de comunidades baseadas na web e dos serviços disponibilizados, tais como sítios de social-networking, partilha de vídeos, wikis, blogues e folksonomia. A designação ganhou grande notoriedade depois da primeira conferência Web 2.0 O'Reilly Media, em 2004, e, embora o termo sugira uma nova versão da World Wide Web, ele não se refere

a qualquer evolução das especificações técnicas envolvidas, mas sim da mudanças na maneira como quem desenvolve o software e os utilizadores finais utilizam a Web.

É de referir, no entanto, que esta visão revolucionária da Web 2.0 não é partilhada por todos. De facto, alguns especialistas em tecnologia defendem que o termo não faz muito sentido, uma vez que a Web 2.0 tira partido de muitos desenvolvimentos e componentes tecnológicos já disponíveis anteriormente, nalguns casos, antes mesmo do surgimento da Web, enquanto alguns críticos do termo afirmam mesmo que tudo não passa de uma estratégia de marketing (buzzword) (Brodkin, 2007).

Todavia, são inúmeras as definições desta nova realidade apresentadas pelos defensores da Web 2.0, também designada por Web Social, mas quase todas partilham um ponto em comum: o utilizador, anteriormente apenas receptor de informação, passa a desempenhar um papel activo actuando tanto como receptor como emissor. As suas opiniões e pontos de vista passam a poder ser apresentados a uma escala global.

Segundo Tim O'Reilly (O'Reilly, 2005), fundador da O'Reilly Media, a Web 2.0 "é a mudança para uma internet como plataforma e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, uma das regras mais importantes é desenvolver aplicações que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência colectiva".

Este paradigma pode ser constatado na Wikipedia, que se alimenta dessa "inteligência colectiva", pois o seu modelo de negócio assenta na possibilidade oferecida a todos os utilizadores de permitir a qualquer um criar ou editar uma entrada numa enciclopédia em permanente actualização. Mais, o próprio software que suporta esta plataforma é *open source*, oferecendo a qualquer pessoa a possibilidade de criar novos wikis praticamente sem custos.

No caso do YouTube, todos podemos publicar os nossos filmes e divulgar as nossas reportagens, quais ciberjornalistas. O Digg é um sítio onde encontramos sugestões de páginas valorizadas com base na opinião dos utilizadores, enquanto o Del.icio.us utiliza um sistema semelhante mas com os apontadores favoritos ("bookmarks") de milhões de pessoas.

O sítio comunitário MySpace oferece a possibilidade de qualquer pessoa ter um espaço pessoal virtual, interagir com outros utilizadores, sendo hoje utilizado como verdadeiro cartão de visita virtual.

Também os blogues desempenham de forma crescente um papel relevante da formação da opinião pública na Web 2.0. Mais, através de mecanismos de RSS estes blogues alimentam hoje inúmeras fontes de informação que utilizamos no nosso quotidiano.

Wikis

Como referimos, um dos exemplos mais marcantes da denominada Web 2.0 são os denominados wikis.

Os termos wiki (pronunciado /uíqui/ ou /víqui/) e WikiWiki são utilizados tanto para identificar um tipo específico de colecção de documentos em hipertexto como o próprio software colaborativo usado para criá-los (Wikipedia, 2008). O significado do termo "Wiki wiki" em idioma havaiano é "super-rápido".

Segundo Klobas (Klobas, 2006), "Os sítios Wiki são colecções interligadas de documentos e arquivos acessíveis e editáveis com navegadores web. Enquanto sítios podem ser desenvolvidos, modificados e ampliados pelos seus utilizadores. Enquanto software são ferramentas colaborativas para a criação de wikis acedidas através de um navegador web. O software Wiki permite que um grupo de utilizadores possa desenvolver conjuntamente um sítio wiki. A interrelação entre software wiki, autores e sítios wikis leva a que quando nos referimos a “um wiki” nos estamos a referir ao conjunto de todos estes elementos.”

Neste trabalho, quando usamos o termo "wiki" estamos a referir-nos a "sítios wiki".

Em termos históricos o primeiro wiki - o Portland Pattern Repository - foi criada em 1995 por Ward Cunningham para documentar e colaborativamente gerir informações sobre a actualização de padrões de design de software. Este wiki ainda hoje existe como o WikiWikiWeb e é utilizado como um recurso importante para a comunidade wiki.

O wiki mais conhecido globalmente é a Wikipedia, uma enciclopédia on-line que pode ser consultada e editada on-line.

Um Wiki permite que os documentos que o constituem sejam criados/editados colectivamente com uma linguagem de marcação muito simples e eficaz, através da utilização de um simples navegador web. Uma das características mais importantes da tecnologia wiki é, efectivamente, a facilidade com que as páginas são criadas e alteradas - geralmente não existe qualquer revisão antes de as modificações serem aceites, pois a maioria dos wikis são abertos a todo o público ou pelo menos a todas as pessoas que têm acesso ao servidor wiki.

No entanto, é de salientar que existe a possibilidade de limitar o acesso às funcionalidades de adição e edição de páginas aos utilizadores registados, bem como implementar uma política de moderação dos conteúdos criados pelos utilizadores. Esporadicamente temos assistido a situações em que determinadas páginas da Wikipédia são temporariamente “congeladas” e o acesso à manipulação dos seus conteúdos vedada.

Efectivamente, os wikis podem ser públicos - abertos a todos os membros do público usando um navegador web padrão sobre a World Wide Web - ou eles podem ser wikis privados, desenvolvido para apoiar os objectivos de uma organização específica e acessível a apenas a uma audiência específica.

A grande diferença dos wikis relativamente às outras páginas da internet consiste precisamente nesta possibilidade de poder ser editado pelos utilizadores que por ele navegam ao longo do tempo. Este facto torna as páginas de um wiki uma entidade dinâmica em constante evolução onde a qualquer momento os utilizadores podem corrigir erros entretanto detectados, complementar a informação existente e inserir novas ideias, etc.

Neste modelo de sítio Web o conteúdo das páginas e as próprias páginas são criadas/actualizadas graça ao esforço de participação da comunidade de utilizadores acreditando-se que o contributo sucessivo de múltiplos utilizadores valoriza continuamente os conteúdos disponibilizados. Em contraponto, podem surgir problemas derivados desta liberdade de acção dos utilizadores que, conforme referimos acima, levam, em última instância, ao bloqueamento das funcionalidades de edição de determinadas páginas como resultado da inclusão de informação por pessoas que não são especialistas na matéria ou mesmo por vandalismo, substituindo o conteúdo original e correcto por outro.

Conforme já referimos, a principal característica de um wiki consiste no facto de ser constituído por um conjunto de páginas web que qualquer pessoa pode alterar. Para além disso, é bastante difícil generalizar sobre o que é um wiki ou sobre o que faz (Deitering & Bridgewater, 2007). São utilizados em diferentes contextos e com propósitos distintos, embora se possam identificar um conjunto de características que os Wikis têm em comum (Lamb, 2004):

- Todos podem alterar tudo. A alteração das páginas existentes é extremamente simples e normalmente não exige permissões especiais ou autorizações;

- A linguagem de marcação utilizada para construir as páginas é simples. Para começar a editar páginas basta aprender um número muito reduzidos de etiquetas;
- Nunca estão terminados. Mesmo que o conteúdo de um wiki nunca tenha mudado, pode sempre mudar;
- Os conceitos de propriedade são difusos. Os espaços wiki são normalmente “propriedade” da comunidade que contribui para os mesmos. As páginas individuais podem ser anónimas ou não, mas num espaço em que todos podem alterar tudo os conceitos tradicionais de propriedade são, na melhor das hipóteses, apenas parcialmente úteis;

Comunidades de Prática Virtuais

Esta presença crescente de aplicações de software social, como são exemplo os Wikis, disponibilizando novas opções de tecnologia com capacidade para partilhar conhecimento, como é exemplo o sucesso da Wikipedia, constituem uma demonstração de como os wikis podem ser utilizados para criar uma comunidade de prática virtual visando construir conhecimento colectivo baseado na Web mediante a criação de um repositório de conhecimento partilhado e construído colectivamente.

Este trabalho parte de investigação prévia ligando comunidades de práticas, tecnologias da informação e comunicação e gestão do conhecimento numa rede de utilizadores dispersa.

O conceito de comunidades de prática (CoPs) surgiu em 1991 proposto por Jean Lave e Etienne Wenger (Lave & Wenger, 1991), tendo rapidamente despertado a atenção dos interessados na gestão e partilha do conhecimento e na aprendizagem organizacional. Tendo quase imediatamente John Seely Brown e Paul Duguid (Brown & Duguid, 1991) assinalado como estas comunidades formais diferem das equipas ou grupos de trabalho que são criados pelos gestores para promoverem a geração de conhecimento dentro das organizações. Enquanto os grupos de trabalho formais são geralmente criados de cima para baixo, as CoPs crescem de forma orgânica, através da interacção das pessoas envolvidas em práticas similares. As equipas formais normalmente vão buscar os seus membros ao interior de uma determinada organização ou a um departamento ou unidade dentro dessa organização, enquanto as CoPs têm fronteiras permeáveis. Estas captam os seus membros a partir de dentro e de fora da organização, podendo estes ser provenientes de muitos departamentos ou unidades dentro da organização. Finalmente,

geralmente são formadas equipas formais para cumprir determinadas tarefas ou trabalhos em projectos específicos. As CoPs, por outro lado, são emergentes: as suas estruturas e os seus membros crescem a partir das actividades partilhadas dos seus membros e podem mudar ao longo do tempo.

Em 2002, Wenger e outros definiram as CoPs como "grupos de pessoas que partilham uma preocupação, um conjunto de problemas, ou uma paixão sobre um tema, e que aprofundam os seus conhecimentos e experiência nesta área, interagindo de forma permanente" (Wenger *et al.*, 2002). Esta definição é importante porque destaca as duas principais características de uma CoP: a ligação com base na prática que existe entre os membros, bem como a ligação entre a CoP e a aprendizagem.

Os trabalhos sobre comunidades de prática têm vindo a evoluir, na medida em que existe a necessidade de compreender as comunidades mais vastas, mais dispersas e flexíveis tornadas possíveis pelas tecnologias da comunicação mediada por computador. Em 2001, Brown e Duguid (Brown & Duguid, 2001) descrevem estas comunidades como "Redes de Prática". Segundo estes autores, os membros de uma comunidade de práticas são, ao mesmo tempo, membros de um maior e mais disperso "grupo". Este grupo maior é a rede de prática (NoP).

As NoPs são maiores e menos organizadas do que as CoPs e o relacionamento entre os seus membros significativamente mais flexível. Embora os membros de uma NoP muito provavelmente nunca se encontram fisicamente uns aos outros ou interagem de forma regular, ainda têm uma grande dose de conhecimento para partilhar.

Neste contexto, iremos descrever uma forma de como a comunidade de pessoas e instituições que possuem informação e conhecimento relevante no contexto do desenvolvimento agrícola de Angola poderiam activamente colaborar na dinamização de um wiki Luso-Angolano para o Desenvolvimento para construir um repositório Web de conhecimento partilhado visando promover o desenvolvimento mediante a concentração num único local de conhecimento que acreditamos existir disperso sendo apenas conhecido de um número muito reduzido de pessoas e instituições.

Wiki Luso-Angolano para o desenvolvimento

Com base no que foi exposto, a nossa proposta de criação de um Wiki Luso-Angolano para o Desenvolvimento assenta na convicção de que existe uma comunidade de pessoas que partilha um interesse comum. Com esta comunidade pode constituir-se uma rede de prática onde, para além da partilha e debate de ideias, se poderia levar a cabo a

construção orgânica de um wiki com o objectivo de criar um repositório de informação e conhecimento, agregando num único local virtual recursos informacionais, de valor inquestionável para o desenvolvimento de Angola.

Mais, caso seja lançado o referido Wiki, acreditamos que este rede de prática iria crescer de forma orgânica, alimentar este sistema de informação, dinamizar o mesmo e promover a sua sustentabilidade a longo prazo, mediante uma criação de valor contínua à medida que o repositório de conhecimento partilhado e construído colectivamente for crescendo.

Em países como Angola, para quase todas as actividades, a informação, muitas vezes básica, é crucial para, promover o desenvolvimento. São inúmeras as referências feitas à falta de informação em área como a da saúde, da alimentação e da produção nos mais diversos sectores de actividade. Referindo-nos apenas ao sector da agricultura, é vasta a literatura onde a falta de informação é referida como um entrave para levar a bom termos as políticas desenhadas. Por exemplo, a falta de informação é apontada, a par dos direitos de propriedade, como barreira às mudanças de sistemas culturais (FAO, 2007). A falta de informação sobre técnicas de produção impedem os agricultores de melhorar o seu nível de vida e contribuir para melhorar o ambiente (Dietz & Stern, 2002). Também a falta de informação é apontada como a causa da má utilização dos recursos naturais (Feather & Amacher, 1994).

Para além da informação geral, comum a muitas actividades, independentemente da sua localização, há muita informação específica. Alguma desta informação está escrita ou gravada, mas muita outra está na cabeça de muitos dos que lá vivemos, ensinamos, investigamos ou desenvolvemos outras actividades. Infelizmente, Portugal, apesar de ter criado muitas universidades e politécnicos, não teve a capacidade de criar uma instituição vocacionada para continuar a estudar os temas que interessavam às ex-colónias, nem coligir de forma sistemática o conhecimento trazido. **Este Wiki Luso-Angolano poderá, de alguma forma, minimizar esta grande lacuna.**

Esta abordagem, conforme julgamos ter ficado demonstrado, possui um conjunto de pontos fortes bastante significativos e que nos permitem considerar que a mesma poderia ser levada a cabo com sucesso. Entre esses aspectos destacamos o facto de toda a solução tecnológica necessária para a sua materialização ser *open source* e, portanto, a sua utilização para lançar um wiki na Web ter custos praticamente nulos e ser de fácil utilização, isto é, não são necessários conhecimentos técnicos informáticos para criar e editar páginas num wiki.

Por outro lado, e talvez a principal mais-valia da criação do Wiki Luso-Angolano para o Desenvolvimento aqui proposto, resida na lógica colaborativa em que a construção do mesmo assenta. Efectivamente, a possibilidade de todos aqueles que possuem informação e conhecimento relevante para o desenvolvimento de Angola e que estão receptivos e interessados em partilhar o mesmo encontram aqui uma resposta tecnológica para que tal aconteça, afastando simultaneamente a possibilidade de alguém se “apoderar” do conhecimento criado, uma vez que o wiki será sempre propriedade de todos os seus contribuintes.

Comentários Finais

Para terminar, podemos dizer que Angola é um país muito grande, com muitos e bons recursos naturais, que se encontra numa fase do processo de desenvolvimento em que o valor da produtividade marginal da informação em quase todos os sectores de actividade é muito alto.

Assim, a possibilidade de se construir um Wiki onde fosse partilhada a informação que seja possível recolher com os contributos activos dos membros da rede de prática que se vier a dinamizar, bem como as (hiper)ligações a recursos que hoje já existem disponíveis na Web, poderá ter um impacto muito grande no desenvolvimento de Angola.

Finalmente, é de salientar que experiências anteriores da utilização de wikis para promover iniciativas deste género realçam a importância de, no momento do lançamento dos mesmos, ser necessário garantir que existe um repositório de conhecimento mínimo que desperte o interesse e desencadeie o contributo voluntário dos membros da rede de prática que se vier a constituir. O desafio que aqui deixamos é o de saber quem é a pessoa (ou instituição) que está disponível para liderar este processo e “dar o pontapé de saída” garantindo independência, idoneidade e rigor ao processo.

Referências

- BRODKIN, J. (2007). *Web 2.0: Buzzword, or Internet revolution?*, Network World. Disponível em <<http://www.networkworld.com/news/2007/012407-web-20.html>> (acesso em: 30 de Setembro 2008)
- BROWN, J. S. and P. Duguid (1991) *Organizational Learning and Communities of Practice: Toward a Unified View of Working, Learning and Innovating*, Organization Science 2, no. 1, Business Source Premier, EBSCOhost.
- CRÉPON, B., T. Heckel et N. Riedinger. Information Technologies and Factor Productivity: Microeconomic Evidence for France. Disponível em <<http://www.nber.org/CRIW/papers/crepon.pdf>> (acesso em: 30 de Setembro 2008)
- DEITERING, A. and R. Bridgewater (2007). *Stop Reinventing the Wheel: Using Wikis for Professional Knowledge Sharing*, Journal of Web Librarianship, 1 (1), 27-44.
- DIETZ, T. & P. C. Stern, eds. (2002). *New tools for environmental protection: education, information and voluntary measures*. Washington, DC, The National Academies.

FAO (2007). *The State of Food and Agriculture, 2007*, Agriculture Series No. 38, Produced by the Electronic Publishing Policy and Support Branch Communication Division, FAO.

FEATHER, P. & G. Amacher (1994). *Role of information in the adoption of best management practices for water quality improvement*. Agricultural Economics, 11(2–3), 159–170.

KLOBAS, J. (2006). *Wikis: Tools for Information Work and Collaboration*, Chandos Publishing, Oxford.

LAMB, B. (2004). *Wide Open Spaces: Wikis, Ready or Not*. Education Review 39 (5), 38.

LAVE, J. and E. Wenger (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*, Cambridge University Press, New York.

METCALFE, R. (1996). The Internet After the Fad - Remarks of Robert Metcalfe at the University of Virginia. Disponível em <<http://americanhistory.si.edu/collections/comphist/montic/metcalfe.htm>> (acesso em: 30 de Setembro 2008)

O'REILLY, J. (2005). What is Web 2.0. Disponível em <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>> (acesso em: 30 de Setembro 2008)

RETZER, J. (2005). *The Economic Value of Information Networks*. Disponível em <<http://www.nwax.net>> (acesso em: 30 de Setembro 2008)

WENGER, E., R. McDermott and W. Snyder (2002). *Cultivating Communities of Practice*. Harvard Business School Press, Boston.

WIKIPEDIA (2008). Web 2.0. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Web_2.0> (acesso em: 30 de Setembro 2008)

WIKIPÉDIA (2008). Wiki. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wiki> > (acesso em: 30 de Setembro 2008)